



SILVA, Flávia Cristiana da. **A força das metáforas na memória corporal do brincador do Cavalo Marinho**. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Universidade Federal da Bahia; Mestranda; Or. Érico José Souza de Oliveira; CAPES. Atriz, pesquisadora e Arte Educadora.

RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão sobre a memória corporal do brincador do Cavalo Marinho a partir das metáforas (LAKOFF & JOHNSON), que emergem do imaginário simbólico do contexto desses brincadores. Estas metáforas podem se tornar pistas para localizar as mudanças de estados corporais (DOMENICI, 2004) que estão relacionados à corporificação de significados. Com isso, presume-se que os fios que tecem a construção das memórias corporais e a sua realimentação estão diretamente ligados a uma ancestralidade festiva (OLIVEIRA, 2006), que traz um redimensionamento do cotidiano através da prática da brincadeira do Cavalo Marinho. Este trabalho apresenta um recorte da pesquisa em desenvolvimento no mestrado em Artes Cênicas realizado na UFBA, intitulada: Atriz-Brincante: corpo, estado e memória em diálogo com figuras do Cavalo Marinho.

PALAVRAS-CHAVE: Cavalo Marinho. Metáfora. Estados Corporais. Ancestralidade Festiva.

ABSTRACT

This article proposes a reflection on memory body of the Cavalo Marinho playful from metaphors (LAKOFF & JOHNSON), which emerge from the context of symbolic imagery playfulness. These metaphors can become clues to find the changes in bodily states (DOMENICI, 2004) that are related to the embodiment of meanings. Thus, it is assumed that the threads which weave the construction of body memories and their feedback are directly connected to a festive ancestry (OLIVEIRA, 2006), which brings a new focus of everyday life through the practice of playing the Cavalo Marinho. This paper presents part of the ongoing research in the Master in Performing Arts held at UFBA, entitled: Actress-player: body, state and memory in dialogue with figures of the Cavalo Marinho.

KEYWORDS: Cavalo Marinho. Metaphor. Bodily States. Festive Ancestry.

A brincadeira do Cavalo Marinho se apresenta num caráter complexo, dinâmico e simbólico, além de outras riquezas de informações incorporadas, vivenciadas e contextualizadas no folguedo num processo de troca e assimilação contínua com o meio.

Para entender a dança e/ou as figuras do Cavalo Marinho é fundamental compreender seu contexto sócio-cultural, pois estão ligadas diretamente com as experiências compartilhadas no cotidiano dos brincadores dando sentido ao universo da brincadeira. Desta forma, o brincador vivencia no seu aprendizado a brincadeira como um todo, seja observando, dançando, tocando, cantando

e/ou colocando figuras. Essas informações ficam imbricadas no corpo com diversos conhecimentos, levando-o a uma maneira ímpar de se expressar.

Com isso, as metáforas emergem do imaginário simbólico desse contexto e que se materializa na própria brincadeira como algo inseparável do corpo que dança, dando suporte à permanência da brincadeira. Metáfora, segundo o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986, p.1126), “consiste na transferência de uma palavra para um âmbito semântico que não é o do objeto que ela designa, e que se fundamenta numa relação de semelhança subentendida entre o sentido próprio e o figurado”.

No campo da lingüística cognitiva, George Lakoff e Mark Johnson (2002) fizeram um estudo aprofundado sobre a metáfora, como parte fundamental da nossa maneira de pensar e agir no mundo independente da cultura, pois é através dela que nos expressamos. Eles em sua obra *Metáforas da vida cotidiana* (2002) expõem que a metáfora não deve ser percebida apenas pela linguagem verbal, mas também como ações e pensamentos na medida em que todo sistema conceitual no qual pensamos e agimos passa a ser concebido como procedimento metafórico por natureza. Ou seja, ela não estaria restrita ao campo das palavras, mas estaria intimamente ligada tanto ao pensamento quanto à ação.

E isso é muito claro na brincadeira do Cavalo Marinho, quando se dá o cruzamento da expressão corporal do brincador e sua expressão verbal. Pude constatar quando Aguinaldo Silva¹ fala da diferença entre o trupé e tombo: “o trupé é aquilo que a gente faz com o pé (mostra corporalmente, batendo forte o pé no chão). Tombo é o jeito que dá no corpo, é como diz ‘tomba mais não cai’. O trupé é como um cavalo vai trotando”².

George Lakoff e Mark Johnson mostra que recorremos às metáforas a fim de manifestar nossas experiências subjetivas através de imagens recorrente daquilo que é indizível. Com isso, as imagens estão impregnadas no nosso dia a dia se desenvolvendo nas experiências sensório-motoras dando materialidade ao pensamento.

Acreditam que ela pode desempenhar influências sobre o nosso pensamento e também sobre o nosso comportamento, reveladas de diversas maneiras e capaz de reger nossas ações. Os autores também defendem a idéia de que a metáfora faz parte do cotidiano do indivíduo ainda que esse pense que pode viver sem ela. Segundo os autores, é a partir dela que o mundo se organiza e se internaliza nos corpos.

Assim, Lakoff e Johnson representam as metáforas conceituais através de dois domínios: domínio fonte e domínio alvo. O domínio fonte está ligado a algo mais concreto da experiência sensório-motora, e o domínio alvo corresponde

¹ Aguinaldo Silva é filho do mestre Biu Alexandre e brincador do Cavalo Marinho Estrela de Ouro de Condado-Pernambuco.

² Entrevista com Aguinaldo Silva realizada em São Bernardo do Campo-São Paulo, no dia 14-08-2012.

ao campo mais abstrato. Juntos, esses dois domínios ativam o circuito do mapeamento, tornando-se um circuito integrado.

Dando exemplo através da fala de um mestre de Cavalo Marinho, Inácio Lucindo³, quando revela o seu encantamento pela brincadeira: “me apaixonei por Cavalo Marim, gravou no meu coração, eu achei que é uma satisfação, muito linda e especiá e se eu entrar no Cavalo Marim eu entro pra sambá”⁴. Pegando a frase “GRAVOU NO MEU CORAÇÃO”, o domínio fonte seria a palavra GRAVOU, e o domínio alvo é a palavra CORAÇÃO. Esta frase indica que no coração de mestre Inácio foi esculpido, fixado o Cavalo Marinho. Assim, a similaridade da palavra não é pré-existente, ela é criada pela metáfora.

Ainda refletindo sobre metáfora no folgado, percebo que ela também serve para romper com a própria ordem social na brincadeira do Cavalo Marinho através do seu enredo, quando busca alternativas para fugir de situações do cotidiano. Neste momento os brincadores reservam um tempo propício para borrarem suas identidades com as identidades de figuras presentes no contexto daquela sociedade, sejam através de figuras humanas, animais, fantásticos (BORBA FILHO, 2007) e bonecos (OLIVEIRA, 2006).

Desta forma, se transveste na brincadeira de Capitão (dono das terras), Soldado da Gurita (soldado da cidade), Seu Ambrósio (vendedor de brincadeiras), Mané Taião (abestalhado da cidade), Vila Nova (varredor de rua da cidade), entre outros, mas continuam sendo no cotidiano aposentados, estudantes, biscateiros, pedreiros, entre outros. É uma forma de não só assumir o desejo de encarnar essas figuras, mas também de mergulhar no imaginário simbólico desta comunidade. E tudo isso repercute de forma palpável no corpo que dança e que reforça a perpetuação da história do Cavalo Marinho.

Dando continuidade à pesquisa e voltando ao território das minhas experiências práticas em sala de trabalho, depois de refletir sobre algumas metáforas presentes no folgado, trouxe algumas imagens, sensações, estímulos, lembranças, ações como pistas para localizar mudanças de estados corporais que se relacionam com a corporalidade de significados do Cavalo Marinho. Algumas delas são: trotar do cavalo, trabalhar no roçado, queima da cana antes da colheita, cortar cana, pegar um moio de cana, cavar um buraco na terra, também algumas como enraizamento dos pés, ouvir o espaço, amassar a terra, sentir o ritmo, ampliar o olhar, entre outras. Elas se constituíram na relação com a brincadeira e no cotidiano desta comunidade, através da música, canto, dança, indumentária/vestuário, local que acontece a brincadeira, a culinária, a fala, a forma de pensar e de se relacionar com o mundo.

Essas metáforas provocavam mudanças no meu corpo na organização e na qualidade do movimento, desenvolvendo um fluxo simbólico de sensações e

³ Inácio Lucindo é mestre do Cavalo Marinho Estrela do Oriente e é um dos mais antigos mestres de Cavalos Marinhos ainda vivo. Atualmente reside em Camutanga, Pernambuco.

⁴ Entrevista com mestre Inácio Lucindo em São Bernardo do Campo-São Paulo, no dia 04-05-2011.

memórias ligadas à experiência, assim, atingindo uma tonicidade corporal bastante elevada e uma intensa dilatação de presença. As dinâmicas corporais (DOMENICI, 2009), o alinhamento e a tonicidade do meu corpo assumiam uma maior sustentação do centro de gravidade no momento de deslocamento e durante as transferências de peso. E foi através dessas experimentações que surgiu a composição da cena “Bóia Fria”.

A cena foi derivada de metáforas que geraram movimentações e dinâmicas corporais diversas. O que interessava no momento de criação não eram apenas questões estéticas, mas a relação da metáfora como estímulo de trabalho para potencializar a organicidade da experimentação. E a importância dos estímulos, como diz Grotowski (GROTOWSKI In: FLASZEN e POLLASTRELLI, 2007, p. 202), era fonte de inspiração para o meu trabalho:

Provavelmente não se pode dizer, de modo geral, que alguns estímulos sejam bons e outros não. Nos anos em que nos dedicamos a essas pesquisas estritamente profissionais, procurávamos simplesmente o estímulo eficaz. [...] Um bom estímulo era tudo aquilo que nos jogava na ação com todos nós mesmos, ao contrário, um mau estímulo era aquele que nos dividia em consciência e corpo. [...] Era algo – independentemente do campo de que se tomava – que, se nos referíamos a ele, nos ajudava a agir na nossa inteireza.

Os experimentos feitos geraram a mobilização do meu universo simbólico, desencadeando um fluxo de memórias e sensações ligadas à experiência com a brincadeira do Cavalo Marinho, seu contexto e a minha memória autobiográfica. O resultado é um grande fluxo de informações sobre um estado de prontidão corporal com a qualidade de percepção e (a)tensão em alerta.

Essa relação dinâmica se estabeleceu através da vivificação de memórias, sensações, imagens e sentimentos que atuaram modificando a percepção de um tempo linear (passado e presente). Uma memória que se presentificou, não na lembrança de uma nostalgia, mas como expressão do instante presente se renovando no próprio fazer. Nesta esfera, a construção de memórias corporais e a sua realimentação estão ligadas a uma ancestralidade festiva (OLIVEIRA, 2008, 80):

[...] O que chamamos de ancestralidade festiva é, sobretudo, uma espécie de memória física, que utiliza o próprio corpo como instrumento que estrutura todos os sentidos com o intuito de reavivar, de recompor um universo de liberdade e coletividade, tendo como elementos imprescindíveis o jogo, a festa e o riso, servindo para promover uma espécie de vida transversal que, desestruturando a ordem convencional, ajuda a organizar e amenizar a lida com os sistemas de normas sociais vigentes.

Não se pretende aqui esgotar o assunto ou estabelecer verdades absolutas, mas sim discutir o tema, uma vez que foi apenas possível tecer algumas considerações pertinentes ao corpo do brincador do Cavalo Marinho e o seu contexto pensando sujeitos a criar signos e metáforas, a partir dos registros de memórias.

BIBLIOGRAFIA

BORBA FILHO, Hermilo. **Espetáculos Populares do Nordeste**. 2ªed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2007.

DOMENICI, Eloisa. **A pesquisa das danças populares brasileiras: questões epistemológicas para as artes cênicas**. In: BIÃO, A. Artes populares brasileiras do espetáculo e encenações, caderno do GIPE-CIT, nº 23. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, UFBA, Salvador, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2ªed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

FLASZEN, Ludwik e POLLASTRELLI, Carla. (curadoria). **O Teatro laboratório de Jerzy Grotowski 1959-1969**. Trad. Berenice Raulino. São Paulo: Perspectiva: 2007.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark Johnson. **Metáfora da vida cotidiana**. São Paulo, Campinas: EDUC, Mercado de Letras, 2002.

OLIVEIRA, Érico José Souza de. **A Roda do Cavalo Marinho: espaço para uma memória espetacular de uma ancestralidade festiva**. In: OLIVEIRA, E; LOBATO, L. Festas, caderno do GIPE-CIT, nº 20. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, UFBA, Salvador, 2008.

_____. **A roda do mundo gira: um olhar sobre o Cavalo Marinho Estrela de Ouro (Condado – PE)**. Recife: SESC, 2006.